

LINGUÍSTICA APLICADA E OS ESTUDOS DO LETRAMENTO: PERSPECTIVAS E INTERFACES

Moanna Brito Seixas Fraga

(UFBA – Doutoranda)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Moanna Brito Seixas Fraga é Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLINC/UFBA). É membro do Núcleo de Estudos das Linguagens e Tecnologias (NELT/UFBA). Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL/UESB, 2017). Tem especialização em Educação Especial (FAP, 2013); especialização em Psicopedagogia e Educação Contemporânea (FSLF, 2011); especialização em Língua e Literatura: Mediadores da Identidade Cultural (F. A, 2009) e graduação plena em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (2008). Atuou como Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Pedagogia Social fomentado pelo CEDAP e pela Faculdade São Luís de França (2011-2012), na cidade de Brumado, Bahia. Além disso, tem experiência como docente de Introdução à Língua de Sinais, Metodologia da Pesquisa Científica, Leitura e produção de textos, dentre outras disciplinas.

RESUMO

A Linguística Aplicada tem estado entre os temas de maior interesse entre pesquisadores. O crescimento do número de pesquisas é reflexo do que linguistas aplicados denominam de “virada epistemológica” (MOITA LOPES, 2013), a qual rompe perspectivas cristalizadas sobre língua e sua natureza hermeticamente estruturada e caminha em direção a uma ciência que agora amplia seu espectro em busca de estudos que tratem da relação entre língua(gem) e sociedade. Consoante tais perspectivas, os Estudos do Letramento também passaram a reconhecer a língua(gem) para além de um conjunto de códigos a ser dominado pelos sujeitos. Atualmente, teóricos e pesquisadores da área se dedicam ao tratamento da língua(gem) sob a óptica social, ou seja, constituída e constituinte de práticas sociais. Tendo isso em vista, o presente artigo cumpre a tarefa de expor o resultado de uma pesquisa bibliográfica acerca da interface entre a Linguística Aplicada e os Estudos do Letramento. Para dar sustento à produção, foi realizado um levantamento de artigos científicos e de obras de autores como Moita Lopes (2013), Magalhães (2012), Street (2014), dentre outros. Os resultados alcançados possibilitaram concluir que as teorias e os métodos apresentados por ambas as áreas demonstram uma interface profícua para o desenvolvimento de novas pesquisas.

ABSTRACT

Applied Linguistics has been among the topics of greatest interest among researchers. The growth in the number of researches is a reflection of what applied linguists call the “epistemological turn” (MOITA LOPES, 2013), which breaks crystallized perspectives on language and its hermetically structured nature and moves towards a science that now broadens its spectrum in search of studies that deal with the relationship between language and society. According to these perspectives, Literacy Studies have also started to recognize language beyond a set of codes to be mastered by subjects. Currently, theorists and researchers in the area are dedicated to the treatment of language from a social point of view, that is, constituted and constitutive of social practices. With this in mind, the present article fulfills the task of exposing the result of a bibliographic research about the interface between Applied Linguistics and Literacy Studies. To support the production, a survey was carried out of scientific articles and works by authors such as Moita Lopes (2013), Magalhães (2012), Street (2014), among others. The results achieved made it possible to conclude that the theories and methods presented by both areas demonstrate a fruitful interface for the development of new research.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística Aplicada; Estudos do Letramento; Língua(gens); Práticas Sociais.

KEY-WORDS

Applied Linguistics; Literacy Studies; Language(s); Social Practices.



PONTO DE PARTIDA

Atualmente tem sido bastante questionado o volume de trabalhos (artigos e ensaios, por exemplo) que se dedicam a traçar um panorama histórico das disciplinas¹, Linguística Aplicada (doravante LA) e Estudos do Letramento, visto que há quem considere que o processo de resgate da constituição histórica das disciplinas já esteja saturado. Entretanto, há ao mesmo tempo quem defenda a possibilidade de (re)narrá-las (MOITA LOPES, 2009) a partir do seu estatuto atual.

De fato, não se pode negar que muito já foi dito sobre o surgimento e a consolidação da Linguística Aplicada. Todavia, há em cada trabalho (ou panorama) uma percepção diferente acerca de um dado objeto, o que legitima ao menos presumir que o assunto não está esgotado. Em alguns casos, a construção de um panorama pode significar a tentativa de buscar “uma definição que capte a natureza e o escopo da disciplina” (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 136). E mais: quem conta um conto, (re)narra um ponto.

Neste artigo foi realizada uma exposição de modo que contemplasse as principais perspectivas acerca do surgimento das duas disciplinas e das implicações quanto ao processo de consolidação como áreas/campos de conhecimento. A necessidade de demonstrar as mudanças de perspectivas e interfacear “zonas fronteiriças de diferentes disciplinas, não somente na área de estudos da linguagem, como também na da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da Pedagogia, da Psicanálise, entre outras” (SIGNORINI, 2004, p. 100) se dá em virtude das mudanças do cenário contemporâneo.

Tratar da interface entre a LA e os Estudos do Letramento é assumir uma postura de contraposição ao estado das coisas já cristalizadas pelos aportes teóricos e metodológicos dos estruturalistas a favor da “criação de novos conceitos e novas alternativas teórico-metodológicas a partir e em função de uma redefinição do objeto de estudo” (SIGNORINI, 2004, p. 100). É também integrar áreas de conhecimento que possibilitam uma compreensão de lingua(gem) numa perspectiva social. Importa destacar que o movimento de contraposição não isenta lançar mão da relevância da Linguística clássica para os estudos de lingua(gem), sobretudo para a LA e para os Estudos do Letramento.

Tendo isso em vista e para uma melhor organização das ideias, este artigo está disposto da seguinte forma: na primeira seção, após esta breve introdução, serão expostos os caminhos trilhados pelos pesquisadores para conceituar o termo

¹ A palavra disciplina não se confunde com componente que se integra a um currículo. Aqui a palavra disciplina se alinha com o mesmo sentido de área e campo de conhecimento.



Letramento e o resultado de suas novas perspectivas. Dada exposição da trilha rumo aos Novos Estudos do Letramento, será dada maior ênfase para as similaridades e interface entre as duas disciplinas (já mencionadas) com vistas a discutir sobre as possíveis contribuições dessa interface para novas pesquisas e também para a vida social.

2 PRIMEIRA PARADA: OS VELHOS CAMINHOS E AS NOVAS PERSPECTIVAS DO LETRAMENTO

Partindo de uma visão mais genérica, pode-se afirmar que o campo de estudos do letramento se dedicou, inicialmente, em defini-lo como uma condição assumida pelo sujeito que aprende a ler e a escrever (SOARES, 2003). Na realidade, definir o conceito de letramento não é uma tarefa tão fácil, já que em um dado momento sócio-histórico sua concepção é (des/re)construída e novas implicações vão se atrelando.

Desde os primeiros sinais de surgimento do termo letramento, a comunidade acadêmica (da área de Letras e afins) tem se preocupado em definir seu conceito “com a finalidade de melhor delimitar seu escopo, compreender as perspectivas de sua utilização e até mesmo, para avaliar a sua pertinência.” (BORGES, 2013, p. 279). Nesse sentido, uma das primeiras tentativas de definição do termo letramento, aqui no Brasil, foi realizada por Kato (1986), em sua obra intitulada “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, em que aponta para a língua culta como o resultado do processo de letramento.

Segundo Terra (2009), somente nos anos 80 houve uma maior difusão do termo e introdução em dicionários da área de Educação e das Ciências da Linguagem, nos quais constavam como significado a aquisição e domínio da leitura e da escrita. Mesmo sem pacificidade acerca da definição do termo, o letramento surgiu em um mesmo momento histórico e em várias sociedades distintas, ao tempo em que passou a ser amplamente utilizado sob várias perspectivas quando o assunto é escrita (TFOUNI, 2010).

Ainda em 2010 não se encontrava um ponto pacífico sobre o conceito de letramento, ou seja, inexistia uma “questão fechada acerca do que seja o letramento” (TFOUNI, 2010, p.31). Entretanto, a “necessidade de se começar a falar em letramento surgiu, creio eu, da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta” (TFOUNI, 2010, p. 32). Eis aqui o primeiro sinal de que a aquisição do código linguístico e a sua manifestação por meio da escrita (técnica) não dá conta das especificidades da linguagem enquanto prática social.



Estabelecer um determinismo acerca de uma possível fragilidade e opacidade do termo letramento é, de certo modo, economizar esforços para não reconhecer que o cenário de (in)definições e a mudança de perspectiva da LA contribuíram para assunção de novas teorias acerca da leitura e a escrita como práticas sociais. Uma definição estanque poderia gerar empecilhos capazes de restringir a transmutação de uma visão genérica de aquisição da leitura e da escrita para a visão de letramento enquanto discurso, poder e ideologia.

Em virtude das imbricações do próprio conceito, o que se apresenta sobre letramento nos dias atuais é a sua natureza heterogênea, plural e multifacetada em que sujeito e sociedade passam a ser questões caras para sua discussão. De modo geral, as mudanças incluem não só objeto de estudo, como também implicações teóricas, empíricas e políticas motivadas pelo forjamento da natureza transdisciplinar das disciplinas em questão.

Letramento, em seu estágio atual, é essencialmente dialógico, pois reclama a necessidade de diálogos “nos nossos discursos e práticas” (MARINHO, 2010, p. 69). A dialogicidade pôde ser contemplada a partir de uma abordagem crítica, ética e social denominada Novos Estudos do Letramento (STREET, 2010), o qual prevê a pluralidade não só dos contextos sociais e das identidades dos sujeitos, como também dos modus comunicacional, ou seja, se oral, escrito, imagético etc. A pluralidade e a dialogicidade dos letramentos não estão relacionadas à progressão da oralidade para a escrita; não se trata de práticas dicotômicas ou concorrentes. Práticas orais não competem com práticas escritas; são tecnologias distintas que se complementam, portanto, a escrita “não supera ou tem prioridade sobre o oral” (MARINHO, 2010, p. 77).

Seja por meio da escrita, da oralidade ou até mesmo por imagens, o que importa é a manifestação da palavra, no sentido adotado por Freire (2005). Não se trata, pois, de toda e qualquer palavra; trata-se da palavramundo, que para leitores iniciantes ou desatentos, pode parecer apenas um novo vocábulo sem muita expressão. Ao idealizar a palavramundo, Freire idealizou também o que ele defende como condição de libertação, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 2005, p. 11). O conhecimento de mundo e de questões subjacentes fazem da leitura da palavra o elemento que une o sujeito a tudo que ele experienciou como ator/autor de práticas sociais.

A relevância dos estudos freirianos impulsionaram os Estudos do Letramento a defender o uso da palavra como forma de inscrição daquele que é o ator social. Inscrever-se é posicionar-se e empoderar-se, pois, a palavra é um elemento que se



constitui social e ideologicamente. Vê-se, portanto, uma cara contribuição ao que, anos mais tarde, seria denominado letramentos sociais (STREET, 2014).

Assim, a perspectiva social do letramento (STREET, 2014) se contrapõe ao letramento destinado à aquisição do código escrito, por sua vez, hermético e individualizado. A visão crítica dos Novos Estudos do Letramento, por exemplo, aponta para práticas orais e escritas constituídas e constituintes de práticas sociais, heterogêneas, plurais que compreendem “as atividades de leitura e escrita no âmbito das práticas sociais em que ocorrem” (MATENCIO, 2009, p. 5). Isso significa que os eventos e práticas de letramento² “são práticas sociais situadas, que variam segundo as instituições, os participantes e as relações de poder que as sustentam e, portanto, não universais.” (KLEIMAN; DE GRANDE, 2015, p. 13).

Os Novos Estudos do Letramento trazem a perspectiva social como peça chave para sua abordagem socioantropológica, visto que é vasta e plural a realidade social existente nos múltiplos letramentos. A maior parte das pesquisas realizadas sob orientação teórico-metodológica lança mão de abordagens etnográficas em virtude das características identitárias dos sujeitos, das inúmeras agências de letramento e das inúmeras práticas sociais que se atualizam constantemente. Para Kleiman (2009), a etnografia é uma opção metodológica capaz de alcançar as especificidades dos eventos de letramentos como *locus* favorável para situações de uso da linguagem. Em casos como formação de professor, por exemplo, os eventos de letramento não podem ser considerados como “mero instrumento para a realização do trabalho e, sim um aspecto constituinte de sua atuação profissional” (KLEIMAN, 2009, p.21).

Diante do que foi dito, não é difícil compreender que o conceito de letramento e, mais atualmente, de letramentos sociais está envolto a questões relativas à escrita, à leitura e às práticas sociais. São questões caras para esta área, mas que são passíveis de ramificações e fronteiras com áreas como a Linguística Aplicada. As teorias e os métodos apresentados por ambas demonstram uma interface profícua para o desenvolvimento de novas pesquisas.

3 PONTO DE PASSAGEM: A INTERFACE ENTRE A LA E OS ESTUDOS DO LETRAMENTO

O estatuto da Linguística Aplicada tem sido (re)narrado consoante as transformações que ocorrem nos cenários econômicos, sociais, culturais e, sobretudo, a

² Eventos de letramento: atividades particulares e observáveis em que estão envolvidas práticas de leitura e/ou escrita (STREET, 2014; HEATH; STREET, 2008). Práticas de letramento: conceito referente às concepções socioculturais dos significados de textos escritos (STREET, 2001).



partir da influência das tecnologias digitais no comportamento linguístico dos sujeitos. Faz-se verdadeira, há algum tempo, a relevância da Linguística Aplicada na resolução de problemas em contextos variados, visto que a linguagem - caro objeto de estudo da LA - encontra no contexto social o *locus* privilegiado para refletir-se e refratar-se enquanto prática social. Assim, a vista que possibilite ver o ponto de um modo diferente disso estaria na contramão dos delineamentos atuais, pois “se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constitutiva e constituinte”. (FABRÍCIO, 2006, p. 48).

Em 2020 a LA completou 41 anos de chegada em terras brasileiras. E seus atuais delineamentos fazem interface com os mais atuais Estudos do Letramento, sobretudo, quando considerada a abrangência das pesquisas acerca dos usos das linguagens e de sua relação com outras questões (poder, conhecimento, identidades, interação, etc.) em diversos contextos e em “situações concretas de comunicação” (KLEIMAN; DE GRANDE, 2015, p. 23). A idade da LA brasileira (41 anos) não parece muito, entretanto as mudanças pelas quais passou demonstram seu empoderamento quando trata, sobretudo, daqueles que ainda se encontram desprovidos de poder: “o LGBTQIA+, a mulher, o negro, o nordestino, o povo de santo e todos os que nunca estiveram como protagonistas de suas próprias condições.” (ASSUNÇÃO; SANTOS, 2021, p. 14). Desse modo, o movimento de resistência da LA fomenta (re)construções de narrativas seja acerca dos sujeitos e sua relação com a linguagem, seja acerca dos “estudos sobre os usos da escrita (especialmente na língua materna), até então nas mãos de linguistas que analisavam o texto, ou o discurso, mas não a prática social” (KLEIMAN; DE GRANDE, 2015, p. 13).

Não é novidade entre os teóricos já consagrados e até mesmo entre os pesquisadores iniciantes que a atuação da Linguística Aplicada esteve durante muito tempo subordinada à Linguística clássica, por sua vez, estruturalista e hermética do ponto de vista social. Ainda em sua fase inicial, por volta de 1960, ano em que se apresenta em terras brasileiras, a LA reclama por independência daquela que é considerada disciplina-mãe, a qual, despida de instinto materno, dá à LA um lugar de pouca visibilidade. A Linguística clássica, dita matriarca, reflete características positivistas em seu embasamento teórico, ao tempo em que eleva o seu estatuto enquanto ciência em virtude do seu perfil objetivo e caráter *in vitro*. Se de um lado, sua postura justifica a visão redutora pela qual a LA foi tomada, por outro contraria a perspectiva de estudiosos que buscam por meio da LA transversalizar “os limites da linguística; modos de pensar e de compreender a LA como uma disciplina transgressiva, autônoma e interessada por problemas sociais” (ASSUNÇÃO; SANTOS, 2021, p. 13).



Questões econômicas e sociais se fizeram latentes (e até convenientes) para que a Linguística Aplicada se mantivesse a reboque daquela considerada sua antecessora. O prestígio da primeira garantia volumosos financiamentos para aqueles que se dedicassem a buscar estratégias consoantes aos interesses dos militares norte-americanos. Para confirmação disso, convém (re)visitar as seções dedicadas aos agradecimentos, pois “era comum autores de livros deixarem registrados agradecimentos, quem diria, à Marinha dos Estados Unidos e a outros órgãos governamentais que pouco ou nada têm a ver com a linguística em si”. (RAJAGOAPALAN, 2003, p. 78).

É bem verdade que o ponto central e atual da LA está na relação entre a linguagem e os problemas de ordem social, o que caracteriza mudanças de paradigmas quando o assunto é objeto de pesquisa, já que

quando o linguista aplicado traz para o seu cotidiano as questões envolvendo uso da língua/linguagem como prática social, significa dizer que não é a língua/linguagem por si que interessa, mas como esses sujeitos se posicionam (agindo e reagindo) por meio da própria língua/linguagem (ASSUNÇÃO; SANTOS, 2021, p. 22).

Entretanto, no momento do seu surgimento, a LA estaria, pois, investida em aplicar “conhecimento linguístico a algum objeto [...] Um linguista aplicado é um consumidor ou usuário, não um produtor de teorias” (CORDER, 1973 apud KUMARAVADIVELU, 2006, p. 136).

Em seu texto em que trata da Linguística Aplicada e sua necessidade de reformulação, Rajagopalan (2003) considera que nossa cultura carrega a herança de um tempo em que a teorização era supervalorizada em detrimento de vistas plurais acerca de um mesmo ponto. Decerto, o resultado disso é um processo de dependência em que tornou “quase impossível discorrer sobre o estatuto teórico da Linguística Aplicada (LA) sem discutir sua relação com a Linguística” (KLEIMAN, 2004, p. 51).

A pluralidade pela qual a LA reclama também é algo caro para os Estudos do Letramento, visto que o modo como as pessoas lidam e significam as linguagens e as atualizam em suas práticas sociais são plurais. Isso significa não ser possível conceber um letramento singular ou “puro”, como a Linguística clássica faz ao tratar de uma língua. Os letramentos são plurais em sua significação, o que de certo modo justifica o “redimensionamento e a reelaboração de referenciais teóricos nos vários campos de estudo que buscam interpretar o mundo social, como no caso do enfoque transdisciplinar da LA e dos Estudos de Letramento” (MASON, 1998 apud KLEIMAN; DE GRANDE, 2015, p. 22).



No campo dos Estudos do letramento também ocorreram mudanças de paradigmas que, de certo modo, concorreram para a construção de uma perspectiva mais pluralizada e multifacetada como a LA. Brian Street (2014), em sua obra sobre os letramentos sociais, cumpre a tarefa de desconstruir a concepção de letramento que o reduz à aquisição de habilidade técnica da leitura e da escrita “envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos” (STREET, 2014, p. 17). Esta concepção é amplamente rechaçada nos dias atuais, visto que, nos mais atuais Estudos do Letramento, a linguagem é entendida enquanto prática social, ao tempo em que afasta qualquer dicotomia entre as semioses.

A perspectiva de uma língua esvaziada de sentido e subjetividade faz caracterizar o que Kleiman (1995) denomina modelo autônomo de letramento cuja “concepção pressupõe que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social” (KLEIMAN, 1995, p. 21). A singularidade do modelo autônomo de letramento se contrapõe com a pluralidade dos letramentos sociais, consoantes e atuais nos contextos político, social e educacional brasileiro. Os Estudos do Letramento, por meio de uma abordagem crítica, têm como objeto de pesquisa a prática social, por sua vez, tão complexa em sua pluralidade a ponto de reclamar outras ciências o usufruto do paradigma transdisciplinar para alcançar sua compreensão (KLEIMAN; DE GRANDE, 2015).

As novas perspectivas trazidas por Street (2014) acerca dos letramentos sociais ainda têm uma difícil tarefa: romper com os interesses da comunidade acadêmica que, por sua vez, tem se ocupado “dos problemas e das questões pertinentes aos modos de ler que coabitam em uma sociedade que tem na linguagem escrita uma das ferramentas mais importantes de disseminação do conhecimento, reconhecimento social e de exercício do poder” (BORTOLINI; DIAS, 2015, p. 187).

O que se vê atualmente no rol das características das disciplinas é a sua natureza multifacetada e potencialidade em constituir-se transdisciplinar que responde à expansão do seu espectro no que tange as “disciplinas-fontes e metodologias, em função da necessidade de entendimento dos problemas sociais de comunicação em contextos específicos (o seu objeto abrangente) que procura resolver (o seu objetivo abrangente).” (KLEIMAN, 2004, p.55).

Assim, ao contrário do que Corder (1973) afirma, a LA se importa com o processo e não necessariamente com o produto ou sua aplicação, o que possibilita afirmar que sua vertente sociocultural é consoante aos pressupostos dos novos e críticos estudos do letramento, pois em ambas as áreas é possível trazer à baila os sujeitos e suas práticas,



muitas vezes silenciados e invisibilizados. Esse novo perfil pode ser certificado por meio de trabalhos que

dão mostras da maturidade de pesquisas que tratam da relação língua/linguagem e/em práticas sociais afetadas por questões de gênero, sexo, sexualidade, raça, credo, subalternidades, decolonialidades com punhos cerrados contra as relações de poder assimétricas, díspares e eurocentradas. (ASSUNÇÃO; SANTOS, 2021, p. 14-15).

Tais premissas são caras aos Estudos do Letramento que, por meio de uma abordagem crítica e transdisciplinar, dá foco às vozes daqueles que de alguma maneira estão/são impossibilitados de enunciar.

Como seria previsto, a interface existente entre as disciplinas pode ser percebida também em seu âmbito metodológico, pois se trata questões e interesses que mobilizam métodos e procedimentos que levam em consideração os dados produzidos “e que procuram compreender esses dados e seus contextos em toda sua riqueza, complexidade e profundidade” (MASON, 1998 apud KLEIMAN; DE GRANDE, 2015, p. 22)

Tendo isso em vista, defende-se aqui não só a existência de interfaces entre as disciplinas, como também a existência uma relação profícua advinda delas. Vê-se claramente que os objetos e objetivos da LA, após a “virada linguística” (MOITA LOPES, 2009), e dos Estudos do Letramento – com perspectivas plurais acerca das práticas sociais em que a leitura e a escrita são constituintes e constitutivas – convergem para um ponto de defesa do compromisso social por meio de uma abordagem mais reflexiva, crítica e ética.

4 PONTO DE PARAGEM

O foco deste texto apontou para a interface entre duas disciplinas: Linguística Aplicada e Estudos do Letramento. Para dar conta dessa empreitada, foram revisitadas obras (livros, artigos, tese) que tratassem de questões tanto iniciais quanto atuais das duas disciplinas. Além disso, foi dado destaque ao surgimento, conceituação, alcance, perspectivas, implicações, etc., comuns às duas disciplinas. Assim, tratar da Linguística Aplicada e dos Estudos do Letramento requer demonstrar características do estatuto inicial para sustentar de forma coerente os discursos que renarram as atuais perspectivas.

A revisão bibliográfica possibilitou perceber que a LA e os Estudos do Letramento organizam-se teórica e metodologicamente, sobretudo, por meio de duas premissas: (i) observação dos contextos sociais plurais/agências de letramento e (ii) interação entre



contextos e sujeitos. Pôde ser observado também que em ambas as disciplinas ocorreram o que se considera ruptura de perspectivas: inicialmente, a LA se dedicava, basicamente, a desenvolver estratégias de ensino de língua inglesa, na qual tinha como premissa a língua como sistema complexo e fechado em si. De forma semelhante, os Estudos do Letramento reconhecem a fase em que o letramento se restringia ao domínio da tecnologia da escrita.

Após a observação das similaridades do aspecto inicial de ambas, foi observado que mudanças de cunho teórico e metodológico conduziram a novas versões ou versões (re)narradas. Assim, o alcance da compreensão da sintonia entre as disciplinas, aqui entendidas como áreas/campo de conhecimento, se deu a partir do reconhecimento dialogicidade existente em cada uma delas.

A interface entre a LA e os Estudos do Letramento não só ocorre por conta da dialogicidade, como também por conta da natureza transdisciplinar e dos objetos de pesquisa. Isso significa que, em virtude da (des/re)construção de teorias e métodos, o modus transdisciplinar existente atualmente concorre para que os objetos e objetivos de pesquisa de linguistas aplicados favoreçam os desenvolvimentos de estudos sobre escrita, linguagens, práticas sociais, etc., por sua vez, caros e consoantes aos objetos e objetivos que despertam interesse nos pesquisadores que se dedicam aos Estudos do Letramento.

Tendo isso em vista, conclui-se a tarefa de apresentar a interface entre a LA e Estudos de Letramento ressaltando que essas disciplinas transgridem o entendimento de língua como um conjunto de regras e/ou sua manifestação por meio da escrita como uma mera tecnologia. Ambas se interessam por língua(gens) que se constituem e são constituintes de relações e práticas sociais e por questões intrinsecamente relacionadas como: poder, contextos, identidades, conhecimento, etc. Em suma, as disciplinas se “interfaceiam” na tentativa de enunciar compromisso social no mundo contemporâneo.



REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, E. C; SANTOS, J. A. **A linguística aplicada em tempos de barbárie**. Recurso eletrônico. Catu: Bordô-Grená, 2021. Disponível em: www.editorabordogrena.com/
https://www.editorabordogrena.com/_files/ugd/d0c995_1fe3b406615b44fd90c072c661d2920b.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2021.
- BORGES, S. B. S. Contornos dos letramentos. **Cad. CEDES**, Ago 2013, vol.33, no.90, p.279-287.
- BORTOLINI, C. C; DIAS, R. H. A natureza social do letramento. **Espaço Pedagógico**, v.22, n.1, Passo Fundo, p. 187-191, jan./jun. 2015. Disponível em www.upf.br/seer/index.php/rep. Acesso em 17 de março de 2021.
- CELANI, M. A. A. A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. B. M; TOMITCH, L. M. B (Orgs.). **Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem – redescrição em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KATO, M. K. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. Série Fundamento, São Paulo, Ática, 1986.
- KLEIMAN, A. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1995.
- KLEIMAN, A. O estatuto disciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- KLEIMAN, A. **Preciso ensinar o Letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Produção editorial, 2005.
- KLEIMAN, A; DE GRANDE, P. B. Interseções entre a Linguística Aplicada e os Estudos de Letramento. **Revista Matraca**, v.22, n. 36, jan\jun, 2015.
- MAGALHÃES, I. (Org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas-SP. Mercado das Letras, 2012.



- MARINHO, M. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARINHO, M. e CARVALHO, G. T. (Orgs.). **Cultura escrita e Letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- MATENCIO, M.L.M Estudos do letramento e formação de professores: retomadas, deslocamentos e impactos. **Caleidoscópio**. V.7, n.1, p. 5-10, jan/abr 2009.
- MENEZES, V. et al. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- MOITA LOPES, L.P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial: 2006.
- MOITA LOPES, L.P. **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- RAJAGOPALAN, K. Linguística Aplicada: perspectivas para uma pedagogia crítica. In: _____. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- SIQUEIRA, D. S. P; ALVES, P. C.R. Linguística Aplicada: da Antiga às Novas Bases para o Ensino de Língua Inglesa. **Ráido**, Dourados, MS, v. 10, n. 23, 2016.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- STREET, B. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M. e CARVALHO, G. T. (orgs.). **Cultura escrita e Letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- STREET, B. Eventos de letramento e práticas de letramento. In.: MAGALHÃES, I. (Org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.
- STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 99-110.
- TERRA, M.R. Letramentos em língua materna e relações de plurilinguismo na aula de inglês. **Tese** (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp, Campinas, SP, 2009.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 9ª edição. São Paulo. Cortez Editora, 2010.



Título em inglês:

**APPLIED LINGUISTICS AND LITERACY STUDIES:
PERSPECTIVES AND INTERFACES**

INVENTÁRIO